

SAÍDA DE ADMINISTRADOR

Índios invadem sede da Funai

PETA CID
CORRESPONDENTE

PARINTINS, AM – A substituição do administrador regional da Funai em Parintins (a 325 quilômetros de Manaus) continua gerando impasse entre os índios que querem a permanência de Lúcio Ferreira Menezes, 48, e as lideranças, que indicaram para o cargo o indigenista José Vitor Santana.

Cerca de 30 índios do grupo de apoio a Menezes permaneceram por toda a manhã de ontem na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Parintins, enquanto membros do Conselho Geral da Tribo Sateré-Maué distribuíram nota denunciando a tentativa de golpe do grupo acusado de querer tumultuar a legitimidade do processo de escolha e nomeação do novo administrador, publicada no Diário Oficial da União, na semana passada.

“Não aceitamos invasão de brancos”, afirmou o índio João Sateré, 45, que está na liderança dos índios, que permanecem no escritório da Funai no horário de expediente. Ele acusa o indigenista Luiz Boaes Maciel de encabeçar o movimento pela saída de Lúcio Menezes e diz que vai desmascarar o servidor,

relatando os fatos para a presidência do órgão em Brasília.

Para controlar a comunicação dos servidores acusados de manipular as lideranças, o telefone de uma das salas da administração foi desfiado. Já na Casa do Índio, as chaves do sistema de rádio foram levadas pelo Coordenador do Conselho Geral da Tribo Sateré-Meué,

**EXONERAÇÃO
DE LÚCIO
ESTÁ
REVOLTANDO
ÍNDIOS, QUE
NÃO QUEREM
SER DIRIGIDOS
POR 'HOMEM
BRANCO'**

Obadias Batista, 38, segundo o que informou João Sateré. “Resistimos 500 anos e vamos continuar resistindo”, disse o líder estudantil Aldamir Sateré, 26, garantindo que os índios não serão manipulados pela minoria. Aldamir e João Sateré são acusados de estarem usufruindo da administração por serem parentes do administrador que deixou o cargo.

As lideranças que assinam o documento divulgado ontem destacam que a resistência isolada parte de Menezes, de alguns parentes e de indígenas

que habitam o bairro do Itaúna, em Parintins, que não querem respeitar a decisão da nação sateré-maué e do presidente da Funai.

“Repudiamos qualquer ato de violência e de vandalismo, incentivado por parentes de Menezes na tentativa desesperada de impedir a posse do novo administrador. São ações isoladas de pessoas que não possuem nenhum representatividade junto à nação Sateré-maué”, diz o documento.

O indigenista Luiz Boaes Maciel, acusado pelos índios de ser o pivô do movimento contra Menezes, disse que sua saída é um processo natural de desgaste de uma administração que não atendeu à demanda das populações indígenas. Além da carência de recursos por parte da Funai, ele destaca a falta de habilidade de Lúcio em tratar com os índios e a ausência de uma política de assistência e de apoio às comunidades, estabelecendo prioridades no campo da saúde, da educação e das atividades produtivas. “Durante cinco anos de sua administração, houve um paternalismo exacerbado, que beneficiava parentes e amigos em detrimento da maioria dos índios que ficou desassistida”, afirmou.